

# INSUBMISSAS LÁGRIMAS MATERNAS: A MATERNIDADE NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

ANA LUIZA DE FIGUEIREDO SOUZA\*

**Resumo:** *O artigo explora de que formas a maternidade é abordada em alguns dos contos que compõem a coletânea Insubmissas Lágrimas de Mulheres, da escritora brasileira Conceição Evaristo. O objetivo é traçar paralelos entre experiências comuns às mulheres negras e como isso se reflete nas suas vivências maternas. Tripla opressão, dororidade e afrobrasilidade são os principais eixos acionados. Conclui-se que os contos situam a maternidade dentro de estruturas e relacionamentos, muitas vezes, opressores. Porém, a partir de soluções elaboradas com base em referenciais próprios, a relação com os filhos configura o elemento capaz de impulsionar as personagens mães a buscarem melhores alternativas para si e para eles. Desse modo, a literatura negra produzida e defendida por Conceição Evaristo apresenta uma maternidade conduzida por mães negras que maternam filhos negros, cuja potência se mostra emancipadora.*

**Palavras-chave:** *maternidade negra; literatura negra; mulheres negras; dororidade; Conceição Evaristo.*

**Abstract:** *This paper explores how motherhood is addressed in some of the stories that make up the collection Insubmissas Lágrimas de Mulheres (Unsubmissive Tears of Women) by Brazilian writer Conceição Evaristo. It aims to draw parallels between experiences common to black women and how they are reflected in their maternal experiences. Triple oppression, sorrowwritry and Afro-Brazilianism are the main axes in action. It is concluded that the stories place motherhood within structures and relationships that are often oppressive. However, based on solutions developed based on their own references, the relationship with their children constitutes the element capable of driving the mother characters to seek better alternatives for themselves and them. In this way, the black literature produced and defended by Conceição Evaristo presents a motherhood led by black mothers mothering black children, with potential to be emancipatory.*

**Keywords:** *black motherhood; black literature; black women; sorrowwritry; Conceição Evaristo.*

## INTRODUÇÃO

Conceição Evaristo ocupa um lugar de destaque cada vez maior na cena literária brasileira. Com narrativa lírica, não linear, marcada por cortes temporais, a escritora conquista crítica e público, presença constante em eventos tanto literários quanto acadêmicos.

---

\* Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense.  
Email: analuizafigueiredosouza@id.uff.br.

A própria trajetória de Evaristo dialoga com o percurso de muitas de suas personagens. Nascida em favela, filha de uma lavadeira que criava as quatro filhas sozinha antes de se casar com quem se tornaria o padrasto da escritora, cresceu em uma família formada por tias, irmãs, avós, primas e outros parentes, na qual o apreço pela leitura, pela escrita e pela contação de histórias era tão presente quanto a necessidade de trabalhar. Fazer comida, faxinar a casa, cuidar de crianças. Essas atividades faziam parte da rotina de Evaristo desde cedo, tanto que com 8 anos de idade arranhou o primeiro emprego doméstico. Ao longo dos anos seguintes, conciliou trabalho, estudos, maternidade e escrita. Tornou-se doutora em Literatura Comparada, tendo como principais objetos de pesquisa o que denomina poética negra, e como a literatura retrata e constrói o que entende por afrobrasilidade. Isto é, a identidade brasileira que nasce entre os negros escravizados e seus descendentes, com influência de costumes derivados da África.

O romance de estreia da autora, *Ponciá Vicêncio*, teve a primeira edição publicada em 2003. Os livros seguintes, *Becos da Memória* e *Poemas de recordação e outros movimentos* mantêm a linha de denúncia sobre as limitações impostas à população negra no Brasil, mas introduzem a sensibilidade e a ternura que passam a ser marcas de seu lirismo, revelando cuidadoso trabalho com a linguagem poética. As relações de gênero, em geral voltadas para personagens femininas negras, se tornam cada vez mais centrais na ficção de Evaristo. É nessa altura que, em 2011, lança a coletânea de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, na qual aborda o universo das relações de gênero em contextos sociais marcados pelo racismo, pelo sexismo e pela desigualdade econômica.

A memória e a experimentação corporal constituem aspectos importantes da produção literária de Evaristo. Segundo ela, «Quando escrevo, quando invento, quando crio minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que, por ser esse “o meu corpo, e não outro” vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta»<sup>1</sup>. Tal concepção a aproxima de autores como Frantz Fanon e Lélia González, para os quais a corporeidade é importante nos processos elucidativos dos sujeitos, no tratamento dado à própria linguagem. Também se relaciona ao fato de que sua escrita, em boa parte, ficcionaliza lembranças da autora. «Escrevo. Deponho. Um depoimento em que as imagens se confundem, um eu-agora a puxar um eu-menina pelas ruas de Belo Horizonte. E como a escrita e o viver se (con)fundem, sigo eu nessa escrevivência»<sup>2</sup>.

Escrevivência, para Conceição Evaristo, é não separar as experiências que vivenciou, ouviu, testemunhou ou leu ao longo da vida e da literatura que produz.

---

<sup>1</sup> EVARISTO, 2009.

<sup>2</sup> EVARISTO, 2021.

Não se trata, porém, de autoficção, mas de perceber que as situações abordadas nas obras muitas vezes derivam de algo com que a autora já teve contato, modificadas conforme a intencionalidade de cada texto. Na abertura da segunda edição de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, publicada em 2016 pela editora Malê, a escritora explica:

*Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso<sup>3</sup>.*

A coletânea consiste na reunião de relatos recolhidos por uma narradora que visita diferentes cidades e encontra mulheres — todas elas negras — que aceitam contar sobre os caminhos que percorreram. O título de cada conto corresponde ao nome dessas personagens. Trata-se de narrativas articuladas por meio de uma narradora projetada no presente da enunciação<sup>4</sup> que se mescla às personagens para transmitir seus respectivos pontos de vista, sensações, sentimentos, separando-se delas nos momentos em que evidencia o ato de narrar (ou recontar) suas histórias.

Nessa trama permeada de lirismo, encontram-se redes de solidariedade e apoio entre mulheres, especialmente mulheres negras, diante da violência, do desamparo social, dos imprevistos da vida, da pobreza, da discriminação em seus vários formatos. A maternidade aparece na maioria dos contos, sendo elemento central em boa parte deles. Por meio de modelos maternos e de maternagem que se afastam dos hegemônicos, revelam particularidades na relação entre mulheres negras periféricas e seus filhos.

O presente artigo explora essas relações, que têm despertado interesse no mercado editorial brasileiro<sup>5</sup>. Para isso, o trabalho aqui apresentado parte de três contos nos quais a maternidade e o vínculo com os filhos ganham maior ênfase: «Aramides Florença», «Shirley Paixão» e «Lia Gabriel». Os contos também foram selecionados por apresentarem circunstâncias semelhantes, que costumam integrar as obras de Conceição Evaristo: violência doméstica contra mulheres, abuso sexual, relação entre cônjuges, precariedade financeira. Assim, por meio da

---

<sup>3</sup> EVARISTO, 2016: 7.

<sup>4</sup> FERNANDES, ABRIATA, 2021.

<sup>5</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2020.

articulação de bibliografia transdisciplinar, é possível tecer comparações mais pertinentes entre eles.

## 1. A TRIPLA OPRESSÃO DA MULHER NEGRA

No assim chamado Ocidente, os indivíduos foram historicamente socializados por meio de um processo estrutural de inteligibilidade em pares dicotômicos excludentes e hierarquizados: homem/mulher, branco/não branco, rico/pobre, entre outros. Essas categorias materializam identidades e/ou identificações, viabilizando reconhecimentos, desejos, rejeições e subalternidades<sup>6</sup>.

Diante disso, pensadores<sup>7</sup> da Teoria Social vinculados ao paradigma pós-estruturalista problematizam o status ontológico atribuído às identidades. Buscam desestabilizar essa inteligibilidade que condensa sentidos por meio de categorias dicotômicas nas quais um dos termos (ou condições) é considerado superior ao outro. Homem, por exemplo, seria entendido como superior a mulher, branco seria superior a não branco, e assim por diante. Nesses processos de subjetivação, alguns indivíduos são categorizados enquanto corpos humanos e outros como corpos abjetos, ou seja, entre vidas que importam (homens, brancos, ricos) e vidas sem importância (no caso deste artigo, mulheres, negros e pobres). O desmonte da ontologia das identidades revela que são, nos termos de Judith Butler, ficcionais e performativas<sup>8</sup>. A partir desse movimento, é possível tensionar sentidos essencializados e relações de poder.

Lélia González aponta que a língua portuguesa falada no Brasil traz evidências de como o mito da democracia racial se impregnou com tamanha força no país. Defende que, em suas manifestações mais ou menos conscientes, a chamada cultura brasileira oculta — e, ao fazê-lo, revela — marcas da africanidade que a constituem. Duas noções são caras ao pensamento de González: consciência e memória.

*Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse*

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, PEREIRA, MIRANDA, 2020.

<sup>7</sup> GONZÁLEZ, 1984; BHABHA, 2005; DERRIDA, 2006; BUTLER, 2017; FANON, 2020.

<sup>8</sup> BUTLER, 2017.

*discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas [deslizes] do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar [entender] esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada [negros nascidos no Brasil], a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. [...]. Só que isso tá aí... e fala<sup>9</sup>.*

Defensora de uma sociedade solidária e fraterna, González entende que, para alcançá-la, seria preciso que os grupos excluídos do poder, além de se engajarem na luta política mais ampla, produzissem seu próprio conhecimento.

*Estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio [indígena] na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir este país. A essa mentira tripla se dá o nome de: sexismo, racismo e elitismo. E como ainda existe muita mulher que se sente inferiorizada diante do homem, muito negro diante do branco e muito pobre diante do rico, a gente tem mais é que tentar mostrar que a coisa não é bem assim, né<sup>10</sup>?*

Nesse ponto, dialoga com uma das principais argumentações de Conceição Evaristo sobre o movimento de transformação e resistência que a população na qual ela se insere produz, transposto para sua literatura.

*Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira, a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil<sup>11</sup>.*

Tal cenário configura o que Evaristo denomina afrobrasilidade: a identidade engendrada a partir da junção de modos de vida dos africanos trazidos ao Brasil

---

<sup>9</sup> GONZÁLEZ, 1984: 226-227.

<sup>10</sup> GONZÁLEZ, 2020: 186.

<sup>11</sup> EVARISTO, 2009: 18.

na condição de escravos com suas adaptações em território brasileiro, por parte de seus descendentes. A assim chamada literatura negra defendida pela autora abrange produções literárias feitas por escritores negros que se voltam para temáticas relacionadas tanto à discriminação racial quanto a costumes cultivados por aqueles que descendem (mais diretamente) de africanos escravizados.

É possível traçar um paralelo entre a noção de afrobrasilidade sustentada por Conceição Evaristo e a categoria político-cultural de amefricanidade cunhada por Lélia González. Para além de seu caráter geográfico, «ela designa todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretção, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de toda uma identidade étnica». Seria a junção de práticas e pensamentos do continente americano — o que inclui seus povos indígenas, também escravizados e subalternizados — com práticas e pensamentos do continente africano, ocorrida a partir da implementação do sistema escravocrata nas Américas<sup>12</sup>.

Neste ponto, cabe contextualizar melhor a literatura de Conceição Evaristo e como a autora a situa na produção literária no Brasil. A obra de Evaristo se insere no que ela mesma denomina, a partir das pesquisas de Maria Nazareth Fonseca e Eduardo de Assis Duarte<sup>13</sup>, «um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas» que, desde os últimos anos da década de 1970, especialmente por meio de coletivos negros, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na literatura brasileira. Esse *corpus* seria constituído enquanto «uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada e vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira»<sup>14</sup>. Conforme sintetiza Maria Nazareth Fonseca,

*a literatura negra não se configura como um gênero literário nem se mostra a partir de gêneros discursivos específicos. Ora configurada a partir da afirmação étnica ou de marcas de busca de uma identidade negra ou afro-brasileira, ora construindo outros percursos marcados por autores, invenções literárias, temas, situando-se, como assinala Octavio Ianni (1988), por dentro e por fora da literatura brasileira, ela é pauta de discussão em vários momentos entre teóricos, críticos literários, escritores e públicos<sup>15</sup>.*

---

<sup>12</sup> GONZÁLEZ, 2020: 137.

<sup>13</sup> FONSECA, 2002, 2006; DUARTE, *org., ensaio e notas*, 2007.

<sup>14</sup> EVARISTO, 2009: 17.

<sup>15</sup> FONSECA, 2021: [s.p.].

Essa corrente de autores e pesquisadores, entre os quais se insere a própria Conceição Evaristo, considera que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas.

A isto se junta o conceito de escrevivência cunhado pela autora, que marcaria sua produção literária como intrinsecamente negra e feminina, visto que só pode ser produzida a partir do trabalho da escritora que, enquanto mulher negra crescida em contexto periférico, elabora sua narrativa ficcional a partir das experiências que, por terem atravessado sua subjetividade, se refletem no ponto de vista intencionalmente escolhido para seus textos. Ainda sobre o ponto de vista enquanto aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira, Conceição Evaristo esclarece:

*As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade — às vezes, só simbolicamente, reconheço — frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade. E pergunto: será que o ponto de vista veiculado pelo texto se desvencilha totalmente da subjetividade de seu criador ou criadora<sup>16</sup>?*

Mais uma vez, encontra-se o paralelo com o pensamento de Lélia González, que argumenta, com base em dados empíricos, que as mulheres negras no Brasil são alvo de tripla discriminação: por raça, por gênero e por classe social. Sustenta que, junto às ameríndias, estão «subordinadas a uma latinidade que legitima sua inferioridade»<sup>17</sup>. O caráter duplo de sua condição biológica — racial e/ou sexual — torna essas mulheres as mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo de origem tão patriarcal quanto racista. «Precisamente porque esse

---

<sup>16</sup> EVARISTO, 2009: 18.

<sup>17</sup> GONZÁLEZ, 2020: 127.

sistema transforma diferenças em desigualdades, a discriminação que sofrem assume um caráter triplo, dada a sua posição de classe»<sup>18</sup>. Em sua maioria, as mulheres negras e ameríndias fazem parte do imenso proletariado afro-latino-americano, principalmente daquele que é pior remunerado e trabalha em condições mais precárias.

O duplo fenômeno do racismo e da misoginia<sup>19</sup>, atravessado pela desigualdade econômica, produz efeitos violentos sobre a mulher negra, por meio das noções de: a) «mulata», escancaramento do desejo sexual, exaltação que cobiça corpos negros femininos; b) «doméstica», manifestação cotidiana, mulheres negras encaradas como aquelas que prestam serviços; e c) «mãe preta», quem, de fato, se ocupa da maternagem das crianças de famílias com condições de terem escravos<sup>20</sup>. Não à toa são elas que, até hoje, mais se encarregam de serviços, atreladas ao âmbito doméstico (faxineiras, diaristas, cozinheiras, babás, cuidadoras) ou à hipersexualização de seus corpos (sobretudo no ramo do entretenimento).

Noções estas que, conforme pontuam Evaristo e González, também são reproduzidas dentro da própria população negra, em especial por parte de homens negros que enxergam mulheres da mesma raça como aquelas que devem estar dispostas a servi-los, às quais, não raramente, são negados afeto e respeito. A solidão afetiva da mulher negra caminha junto ao que Vilma Piedade denomina dororidade: sofrimento que marca as experiências de mulheres pretas<sup>21</sup> em afrodiáspora. Ou seja, dor que é cunhada com o sequestro e a escravidão de integrantes de diversas sociedades africanas, cujos direitos no que tange à língua, à cultura, à religião e à própria vida são sistematicamente violados até dias hodiernos. Segundo Piedade, ao reconhecerem opressões especificamente enfrentadas por elas, as mulheres pretas constroem agência, buscam outras referências (sobretudo na cultura iorubá) que não sejam baseadas na lógica ocidental de objetificação de seus corpos<sup>22</sup>.

Tal qual Lélia González, Vilma Piedade aponta que o feminismo criado na Europa e praticado por mulheres brancas, muitas vezes, não dá conta das demandas específicas das mulheres negras/pretas.

*Isso porque, enquanto o estupro colonial foi romantizado e mulheres pretas escravizadas exerciam e ainda exercem múltiplas jornadas, o “mito da mulher*

---

<sup>18</sup> GONZÁLEZ, 2020: 132.

<sup>19</sup> Lélia González se refere a sexismo, mas o desprezo e o ódio às mulheres, que as coloca em posição subalterna, são sintomas da misoginia trazida pelo patriarcado branco. Por isso, usa-se aqui misoginia.

<sup>20</sup> GONZÁLEZ, 1984.

<sup>21</sup> Vilma Piedade utiliza o termo mulheres pretas em vez de mulheres negras. Portanto, ao mobilizar a autora, este termo será empregado.

<sup>22</sup> PIEDADE, 2019.

*forte e resistente” é projetado em suas imagens. Assim, as reivindicações feministas por emprego e pelo fim do mito da fragilidade feminina jamais contemplaram mulheres pretas e, por isso, a construção do conceito proposto por Vilma Piedade<sup>23</sup>.*

Lélia González relaciona o processo de inferiorização da mulher negra por parte, inclusive, de homens que compartilham com ela as agruras de ser negro em um país racista, aos trabalhos de Frantz Fanon. O psiquiatra debate como se dão as formas de subjetivação da dominação. Em outras palavras, quais são os mecanismos psicológicos que induzem o colonizado a se identificar com o colonizador. Incorporar valores que desumanizam pessoas negras, mas, com isso, incidem com maior violência sobre mulheres negras faz parte deles. Permite a manutenção dos privilégios de homens negros em relação às mulheres negras, embora, na prática, tais privilégios venham do mesmo regime fundado na precarização e no descarte de vidas negras, sejam masculinas ou femininas. Para Fanon, a desalienação dos negros se vincula diretamente à tomada de consciência das relações socioeconômicas. Estas, conforme já explicado, estão fortemente ligadas aos marcadores de raça e gênero<sup>24</sup>.

Reflexo de séculos de escravidão somados à misoginia que jamais tiveram a devida reparação histórica, tal cenário se tornou ainda mais visível durante a pandemia de COVID-19. Enquanto as mulheres indígenas tinham seus territórios invadidos, com ameaça à sua existência, as mulheres negras eram a maioria entre as desempregadas e, em 58% dos casos, suas condições de trabalho foram severamente afetadas no início da pandemia. Nesse contexto, as mulheres negras foram as que mais se engajaram nas atividades de economia solidária<sup>25</sup>.

Vê-se, portanto, que mulheres negras precisam constantemente criar maneiras não apenas de sobreviver, mas de triunfar em contextos que as colocam em posição de maior fragilidade social. O que também se aplica à maternidade.

## 2. MATERNIDADES NEGRAS

Em voga nos debates de anos recentes, a maternidade compulsória pode ser definida como um conjunto de práticas socioculturais e políticas que levam as mulheres a se tornarem ou desejarem ser mães de forma compulsória, sem que

---

<sup>23</sup> OLIVEIRA, 2021: 149. Aqui vale apontar que a reivindicação pelo direito ao trabalho e, mais especificamente, à obtenção de renda é uma pauta das mulheres da elite e das camadas médias, sobretudo urbanas, visto que tanto as mulheres pobres quanto as descendentes de escravas e indígenas sempre tiveram que trabalhar, muitas vezes fora de casa.

<sup>24</sup> FANON, 2020.

<sup>25</sup> APIB, [2020-2023]; ARAUJO, GONZÁLEZ, 2021; GÊNERO E NÚMERO, SEMPREVIVA, 2021.

isso represente de fato uma escolha<sup>26</sup>. No entanto, a maneira como a maternidade compulsória foi implementada é notadamente distinta se considerarmos mulheres de diferentes raças no Brasil.

*Embora o trabalho materno seja essencializado e privatizado, logo, atribuído especialmente à mãe e, situado, principalmente, na esfera reprodutiva/doméstica, o seu reconhecimento e sua legitimação passam pelo crivo público/social. Ou seja, implica considerar que a maternidade patriarcal é um discurso normativo que policia, que restringe o poder de transformar e mudar a experiência opressiva da maternidade e patologiza as mães que não podem performar uma maternidade normativa<sup>27</sup>.*

Entre essas mães, se encontram mulheres negras que historicamente tinham filhos — não raro, frutos de violência —, mas, muitas vezes, não podiam ser mães, dada a sua condição de cativas durante o período no qual imperou a escravidão e, nos séculos seguintes, de marginalização tanto econômica quanto social. No regime escravagista, com 7 anos, os filhos de escravas deviam mais obediência aos sinhôs e sinhás do que à mãe. Era comum as mães dessas crianças serem obrigadas a preterir o mamar dos próprios filhos em favor da amamentação dos filhos da classe senhorial ou do exercício do serviço de amas de leite, cujos lucros cabiam àqueles que detinham sua posse.

*Mesmo que costumes e ensinamentos tenham conseguido ser transmitidos entre diferentes gerações de cativos, isso era feito com a interferência constante do patriarcado branco, racista e escravocrata. Mesmo regime que transformava os modelos maternos e de maternagem praticados pelas mulheres escravizadas em alvo de estranheza, preconceito, represálias<sup>28</sup>.*

Ainda assim, é na função materna (no caso, muito mais em relação aos filhos alheios) que as mulheres negras podem (furtiva e paulatinamente) transmitir às crianças brasileiras — que Lélia González relaciona à própria cultura nacional — valores e referências que vão compor sua linguagem. Essa linguagem nacional formulada desde o início da escravidão, por González denominada pretoguês, marca a infância de boa parte dos brasileiros, que crescem nos braços de babás em sua maioria negras. A precariedade das condições de vida das mulheres negras após a abolição da escravidão, desprovidas de políticas

---

<sup>26</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2019, 2022.

<sup>27</sup> O'REILLY, 2016: 19 *apud* OLIVEIRA-CRUZ, CONRAD, 2022: 4.

<sup>28</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2022: 65-66.

públicas que as assistissem, fez que muitas delas continuassem buscando meios de subsistência no papel de babás e cuidadoras. O que não raramente as fazia passar mais tempo com aqueles de quem se ocupavam nessas funções do que com suas famílias<sup>29</sup>.

Conforme aponta Rita Segato, essas mães-babás escravizadas ou contratadas, ainda que se envolvam afetivamente no vínculo contraído com a criança, permanecem divididas pela consciência de um passado de escravidão ou de pobreza. Passado este que impossibilitou que tivessem escolha sobre o papel que passam a ocupar nos lares das famílias (em geral, brancas) que podem arcar com sua maternagem<sup>30</sup>. Enquanto isso, seus filhos muitas vezes crescem sem a oportunidade de desfrutar do tempo e da dedicação que suas mães dedicam aos filhos de outras pessoas, para sua sobrevivência.

Tal processo traz implicações hodiernas. Por um lado,

*nos modelos maternos e de maternagem hegemônicos, nota-se a influência de concepções tradicionais (amor incondicional, vocação materna, afazeres da mãe ligados ao ambiente doméstico, entre outras), aliada a exigências de otimização, respondendo a novas cobranças e definições femininas que, em boa parte, derivam do mercado (pressão estética, carisma dócil, investimento na carreira, assim por diante). [...] Nessa lógica de estimulação intensificada, mães são cobradas (e se cobram) a exercerem suas funções maternas de forma cada vez melhor, sob os imperativos do sucesso e da felicidade<sup>31</sup>.*

Por outro, a maternidade compulsória, por meio de modelos maternos e de maternagem hegemônicos, determina quem é mais ou menos digna como mãe (efetiva ou potencial), e quais mães vale a pena proteger, ouvir, amparar<sup>32</sup>. As mesmas expectativas e parâmetros incidem sobre todas, usados para valorar mulheres e maternagens distintas.

É preciso reconhecer a existência histórica de maternidades e formas de maternar paralelas no Brasil<sup>33</sup>. As escravas e suas descendentes estiveram desde sempre excluídas de referenciais maternos colocados como os melhores a serem seguidos. Mulheres negras e seus filhos não foram prioridade durante a maioria dos regimes de governança do país, desde a época de colônia até a volta da democracia após a ditadura militar. São elas as vítimas frequentes das crises econômicas e sanitárias que marcam a trajetória brasileira. Além de serem alvos constan-

---

<sup>29</sup> GONZÁLEZ, 2020.

<sup>30</sup> SEGATO, 2021.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO SOUZA; POLIVANOV, 2021:140.

<sup>32</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2021.

<sup>33</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2022.

tes do que Achille Mbembe denomina necropolítica: o uso do poder social e político que, para garantir os modos de vida de determinados grupos (no caso, pessoas brancas), engendra o extermínio sistemático de grupos menos favorecidos (no caso, pessoas negras)<sup>34</sup>.

Diante disso, verificam-se fenômenos como o número expressivo de mulheres negras que afirmam terem desistido do desejo de ser mães devido à violência e ao abandono social ligados à raça. Somam-se ao quadro os índices de violência obstétrica mais elevados entre mulheres negras, junto à menor taxa de inserção ocupacional por parte daquelas com crianças de até 3 anos em casa<sup>35</sup>.

Contudo, também se encontram iniciativas de mães negras voltadas a criar condições de maternagem mais reconhecidas, justas e emancipadoras. Alguns desses empreendimentos são a criação de coletivos maternos exclusivos para mães negras, pressão por leis que amparem suas necessidades específicas, resgate de práticas de maternagem e modelos maternos trazidos de cosmovisões africanas, entre outros<sup>36</sup>.

*Tanto as dores quanto as vantagens da maternidade, no que diz respeito às mulheres negras, possuem um viés específico, sobretudo se pensarmos que as matrizes da maternidade na concepção ancestral africana não é generificada e não possui um sentido individualista. A maternidade pode ser fonte de redenção, potência e afeto, mas também pode ser fonte de opressão, sobretudo por conta dos efeitos colaterais da precarização das condições de vida que afetam mulheres negras<sup>37</sup>.*

Nesse sentido, é possível interpretar que há mulheres negras mobilizadas para que o pretoguês ao qual González se referia possa construir a linguagem nacional a partir das trocas com suas próprias crianças. Não na posição de cuidadoras invisibilizadas, mas de mães e figuras maternas em busca do fomento a modelos maternos e de maternagem que se adequem às realidades, aos costumes, às demandas e aos valores das mulheres negras, em especial daquelas em contextos periféricos. Essa inventividade, nascida da urgência e da dor compartilhada com outras mulheres pretas no papel de mães, reivindica seu espaço na literatura nacional.

É sabido que protagonistas femininas na literatura brasileira, mães ou sem filhos, são majoritariamente brancas, o que reflete um processo histórico na produção literária do país. Eduardo de Assis Duarte, inclusive, atenta para um

---

<sup>34</sup> MBEMBE, 2018.

<sup>35</sup> LEVY, 2020; GELEDÉS, 2020; FIGUEIREDO SOUZA, 2022.

<sup>36</sup> PIEDADE, 2019; COELHO, 2023.

<sup>37</sup> BORGES, 2021: [s.p.].

importante aspecto na representação da mulher negra em escritores canônicos brasileiros: a esterilidade. Segundo ele, isso se verifica quando aparecem na encarnação da «mulata» (em descrição semelhante à de González), desprovidas de razão ou sensibilidade mais acuradas, restritas aos trejeitos e artimanhas da sedução<sup>38</sup>. Duarte aponta como a infertilidade «parece ser uma constante da caracterização da mulher negra pela literatura brasileira e associa isso à negação, no plano simbólico, da possibilidade da afrodescendência [negra] no Brasil»<sup>39</sup>.

Já Sonia Roncador, ainda no âmbito da literatura canônica brasileira, apresenta as formas pelas quais a «mãe preta» se manifesta enquanto símbolo de fidelidade incondicional e de servilismo absoluto à classe senhorial. Para Fabiana Carneiro da Silva, a «mãe preta» poderia ser descrita como aquela que ama os filhos dos brancos mais do que os próprios filhos<sup>40</sup>.

Embora, com o passar das décadas, novos contornos tenham sido dados a personagens femininas na literatura brasileira, que cada vez mais se distanciam da imagem apaziguada da mãe que a maternidade patriarcal e racista idealiza, mães negras permanecem em minoria nesses retratos<sup>41</sup>. Autoras como Eliane Alves Cruz, Ana Maria Gonçalves, Jarid Arraes e, claro, Conceição Evaristo (todas elas, negras) têm sido importantes nomes na disseminação de personagens literárias que vivenciam o papel de mães a partir — mas não somente — da dorridade e da tripla opressão descritas por Vilma Piedade e Lélia González.

Afinal, suas vivências maternas dialogam com práticas herdadas de diferentes tradições africanas<sup>42</sup>, adaptadas de acordo com as circunstâncias (inclusive geográficas)<sup>43</sup> em que se inscrevem, dentro de uma afrobrasilidade que se revela capaz de transformar entornos.

### 3. O CORPO QUE ABRIGA CICATRIZES E SEMENTES

Aramides Florença, Shirley Paixão e Lia Gabriel são as protagonistas dos contos homônimos nos quais vivenciam diferentes formas do mesmo tipo de violência: o abuso físico e psicológico por parte do pai ou padrasto de seus filhos, sobre elas e as crianças.

Vemos a ficcionalização de aspectos que Evaristo, González e Piedade entendem como comuns ao contingente de mulheres negras no Brasil: fazem

---

<sup>38</sup> DUARTE, 2009.

<sup>39</sup> DUARTE, 2009 *apud* SILVA, 2016: 454.

<sup>40</sup> RONCADOR, 2008; SILVA, 2018.

<sup>41</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2020, 2021.

<sup>42</sup> EVARISTO, 2007.

<sup>43</sup> GONZÁLEZ, 2018.

parte da população menos economicamente favorecida, desde pequenas são responsáveis pelos afazeres domésticos, costumam vir de famílias com alto número de crianças, cujos cuidados recaem sobre elas, têm maior dificuldade para serem tratadas e encaradas como interesse romântico de alguém. Sendo este alguém um homem negro, o fator gênero instaura desigualdades entre o casal e a família compostos por pessoas da mesma raça e classe social. Nessas dinâmicas, a projeção da violência, do controle e do desprezo sobre a figura da companheira — ou, em «Shirley Paixão», da filha — negra reproduz a lógica racista de objetificação e utilitarismo do corpo dessas mulheres. Lógica esta que, conforme explica Fanon, também aprisiona o homem negro no papel de reforçar continuamente estruturas que permitem a manutenção de hierarquias que colocam esse mesmo homem em posição de subalternidade<sup>44</sup>, em comparação a homens brancos.

A agressividade dirigida às mulheres negras dentro de suas casas, por parte dos próprios companheiros, serve de endosso a premissas racistas como a de que pessoas negras são desprovidas de profundidade subjetiva, são guiadas pelas emoções, carecem de discernimento. Estereótipos que, embora aplicados sobre pessoas negras em geral, incidem de modo mais perverso sobre as mulheres negras. Basta retomarmos os exemplos de Duarte, Roncador e Silva sobre a representação majoritária dessas mulheres na literatura brasileira: ou a «mulata» espevitada, buliçosa, ardente, sem vínculos duradouros, incapaz de se comprometer com o amor romântico ou a «mãe preta» que tudo tolera, que não questiona, defensora das hierarquias estabelecidas e cujo trabalho ininterrupto é visto como inerente a sua condição de serviçal. Ambas situadas em relação a parâmetros patriarcais e eurocêntricos do que é ser mulher.

O que a literatura negra de Conceição Evaristo e demais autores escancara é o quanto essas representações são caricatas, pejorativas e ignorantes acerca das diversas manifestações dos brasileiros (sobretudo brasileiras) descendentes de escravizados africanos. A afrobrasilidade descrita por Evaristo, bem como a amefricanidade discutida por González, revela(m) seu potencial inventivo, transformador, mesmo disruptivo. Inclusive diante de circunstâncias adversas, sejam macroestruturas racistas, misóginas e elitistas nas quais essas mulheres se inserem, exacerbadas pelo capitalismo que coloca a elas e seus familiares como mão de obra que sofre maior exploração, sejam dinâmicas cotidianas que as impactam, perpassadas por tais preconceitos que, não raro, são reproduzidos internamente, sejam as próprias relações entre pessoas negras.

---

<sup>44</sup> FANON, 2020.

Por exemplo, o companheiro de Aramides sente ciúmes da relação dela com seu filho bebê, Emildes. Chega a ferir a barriga da companheira em duas ocasiões antes do parto.

*Um medo começou a rondar o coração e o corpo de Aramides. Antes, o olhar caloroso e convidativo do homem, que tanto lhe agradava, e a que ela correspondia de bom grado, com sentimentos de pré-gozo, passou a incomodá-la. Já não era mais um olhar sedutor, como fora inclusive durante quase toda a gravidez, e sim uma mirada de olhos como se quisesse agarrá-la à força. O bebê, ainda na fase de ser o corpo extensivo da mãe, com poucos dias de vida cá fora parecia experimentar a mesma sensação de incômodo; abria-se em pranto, mesmo estando no colo da mãe, quando pressentia a aproximação do pai<sup>45</sup>.*

O entendimento do corpo feminino como posse faz que encare o próprio filho biológico desenvolvido naquele corpo enquanto usurpador. A ele, ao homem, cabe o direito de dispor daquele corpo — e da mulher dona dele — conforme suas necessidades: ora afetivas, sedutoras, polidas, ora violentas, negligentes, exploratórias.

Já o companheiro de Shirley, além de tratar com rispidez a primogênita, Seni, abusa sexualmente dela, em segredo. «Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos»<sup>46</sup>. Mais uma vez, o corpo feminino, ainda juvenil, é encarado como território de conquista. Quando as vontades do conquistador não são atendidas, a punição acontece.

Por fim, o companheiro de Lia a espanca. Na surra que antecede seu abandono, agride também Máximo, o filho caçula. «E quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre o meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava»<sup>47</sup>.

Este corpo — desumanizado a ponto de ser visto como literal saco de pancadas, sem que ali houvesse uma pessoa com sentimentos, desejos, temores, qualidades e defeitos — também é passível de ser acometido pela fúria das frustrações dos homens negros. Conforme aponta González, há motivos para que estejam revoltados dentro de uma estrutura sociocultural e política que mina até mesmo

---

<sup>45</sup> EVARISTO, 2016: 16.

<sup>46</sup> EVARISTO, 2016: 31.

<sup>47</sup> EVARISTO, 2016: 102.

suas possibilidades de subsistência, quem dirá de ascensão socioeconômica e realização pessoal<sup>48</sup>. Mas muitas vezes essa revolta, até devido aos mecanismos psicológicos enunciados por Fanon, não se dirige aos opressores, mas a quem, dentro dessa hierarquia, se encontra em posição mais oprimida<sup>49</sup>. No caso, as mulheres negras que, quando são mães, veem essa violência se estender a suas crianças e adolescentes.

Ainda de acordo com Fanon, reproduzir as violações a essas mulheres e seus rebentos significaria, nos instantes de agressão, ocultar a própria subalternidade, se distanciar do lugar social de vítima para o daquele que detém poder de oprimir.

Interessante perceber como as figuras masculinas agressoras são referenciadas por «o homem», no máximo chamados de «o pai de meu filho», implicando distanciamento tanto entre as personagens e os parceiros (em vez de «meu homem») quanto entre a narradora e esses agressores. Também não fica evidente se eram maridos das protagonistas. O que interessa é a aliança entre mães e filhos, em um pacto pela vida do qual a narradora, por recontar as histórias, passa a fazer parte. Os principais responsáveis pelo sofrimento doméstico das protagonistas só são referenciados por outros termos — «malacafento», «cão raivoso», «monstro», «animal ruim» — quando contam as situações em que elas ou os filhos foram agredidos por eles. As crianças, ao contrário, são nomeadas, além de referenciadas por termos carinhosos, diminutivos e elogios — «minha menina», «a menorzinha delas», «meu bem-amado» —, reproduzindo o modo como as personagens falam dos filhos à narradora que as escuta.

Também é importante reforçar como, nas narrativas, o corpo se torna receptáculo tanto de prazeres e afetos quanto de ameaças e agressões. É pelo corpo que as protagonistas e suas crianças reagem ao entorno, é nele que experimentam doçura e maldade, é por meio dele que Aramides Florença ensina cantigas ao filho e Shirley Paixão golpeia o estuprador da filha com uma barra de ferro, é a ele que os pequenos se agarram em busca de conforto, é dele que vazam «insubmissas lágrimas»<sup>50</sup>, segundo Lia Gabriel, se referindo ao choro das filhas diante das crises do irmão caçula, diagnosticado com esquizofrenia.

A corporalidade se destaca na produção literária de Conceição Evaristo, que usa seu «corpo-mulher-negra» para inscrever experiências e sentimentos em personagens que também são mulheres negras. Transmite aos leitores as inscrições corporais próprias que integram a literatura — e, por extensão, a vivência —, que chama de negra. Conforme denota a narradora no primeiro parágrafo de «Lia Gabriel»

---

<sup>48</sup> GONZÁLEZ, 2018, 2020.

<sup>49</sup> FANON, 2020.

<sup>50</sup> EVARISTO, 2016: 97.

*Enquanto Lia Gabriel me narrava a história dela, a lembrança de Aramides Florença se intrometeu entre nós duas. Não só de Aramides, mas as de várias outras mulheres que se confundiram em minha mente. Por breves instantes, me veio também a imagem da Mater Dolorosa e do filho de Deus pregado na cruz, ficções bíblicas, a significar a fé de muitos. Outras deusas, mulheres salvadoras, procurando se desvencilhar da cruz, avultaram em minha memória. Aramides, Líbia, Shirley, Isaltina, Da Luz, e mais outras que desfiavam as contas de um infinito rosário de dor. E, depois, elas mesmas, a partir de seus corpos mulheres, concebem a sua própria ressurreição e persistem vivendo<sup>51</sup>.*

Por meio de seus corpos — entendidos por elas e pela narradora como dotados de mente, de espírito, de engenhosidade, de força, em unidade que não se divide — as protagonistas dos contos não vão se conformar ao lugar diminuto que o pensamento hegemônico branco reservou às mulheres negras. Se é nos corpos que as marcas da violência se depositam, também é neles e por meio deles que tais mulheres tomam agência. São corpos que abrigam, por um lado, as cicatrizes de relações e comportamentos pautados pelo racismo, pela misoginia e pela desigualdade social. Por outro, são corpos que abrigam sementes. Não apenas os filhos que as personagens mães carregaram no ventre, descendentes e herdeiros da afrobrasilidade, mas também as ambições, os planejamentos, as redes que são capazes de semear.

#### 4. POTENCIALIDADES MATERNAS

Em contextos que reconhecem como hostis, Aramides, Shirley e Lia têm em si e nos filhos motivação para se reestruturarem. Nas filhas, em especial, encontram a cumplicidade e a parceria necessárias à existência feminina em uma cultura em que, segundo aponta González, ser mulher negra implica enfrentar maior violência. A dororidade<sup>52</sup> transgeracional permite trocas, aprendizados e fortalecimento.

Entre as protagonistas aqui analisadas, Aramides Florença é quem, em princípio, mais se aproximava dos modelos maternos e de maternagem hegemônicos, segundo os quais a maternidade é desejada e planejada, se localiza dentro da família nuclear, conta com a presença de um pai e o casal, unido pelo amor romântico, tem condições emocionais e materiais para suprir as necessidades do filho<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> EVARISTO, 2016: 95.

<sup>52</sup> PIEDADE, 2019.

<sup>53</sup> FIGUEIREDO SOUZA, 2019, 2022.

*Florencia tivera uma gestação feliz. Ter um filho havia sido uma escolha que ela fizera desde mocinha, mas que vinha adiando sempre. Vivía a espera de um encontro, em que o homem certo lhe chegaria, para ser o seu companheiro e pai de seu filho. Um dia, realmente, esse homem apareceu. Foram felizes no namoro. E mais felizes quando decidiram ficar juntos. [...] sem muitas preocupações e apertos econômicos, conseguiram montar um modesto, mas confortável, apartamento. [...]. A gravidez desejada logo aconteceu. [...]. Desde então, os dois grávidos mais felizes prometeram ser, para repartirem a felicidade com a criança que estava por vir<sup>54</sup>.*

A protagonista e seu companheiro contavam com certo conforto material, o que, embora denote que a situação econômica do casal não era abastada, distancia Aramides da faceta mais severa da opressão de classe, tão comum entre mulheres negras. No entanto, é possível deduzir que sua situação financeira sofre um abalo considerável quando o companheiro sai de cena.

Conforme reconta a narradora, Aramides consulta regularmente um pediatra, cujas instruções respeita e considera, ainda que as adapte. Por exemplo, quando o bebê não aceita as papinhas destinadas a substituírem a ingestão de leite, o médico recomenda que a mãe «deixasse a criança padecer um pouco de fome». Aramides «detestou a brutalidade da sabedoria pediátrica», mas cumpriu a recomendação<sup>55</sup>. O leite acumulado nos seios lhe empapava a roupa, enquanto Emildes permanecia calado no berço. «Subversivamente a mãe descumpriu a ciência médica e ofereceu os seios ao bebê»<sup>56</sup>. Nesse ponto, percebem-se algumas tensões na convivência entre as recomendações médico-científicas e a maternagem<sup>57</sup>, permeada de afeto e apego. Desde então, a mãe decide não usar mais a fome como meio de substituir as mamadas do filho, «que essa arma Aramides considerava suja»<sup>58</sup>. Prefere usar dança, música e brincadeiras, em um jogo que permite tanto o zelo materno quanto a astúcia infantil.

A adaptação das instruções recebidas dialoga com práticas maternas descritas nos trabalhos da própria Conceição Evaristo. Nelas, a cultura oral, o ritmo, o contato corporal, heranças da tradição africana, têm importância no estabelecimento de laços afetivos entre mães e crianças, integrando a assim chamada sabe-

---

<sup>54</sup> EVARISTO, 2016: 11.

<sup>55</sup> EVARISTO, 2016.

<sup>56</sup> EVARISTO, 2016: 10.

<sup>57</sup> O que remonta às severas represálias que o saber médico institucionalizado historicamente fez às mulheres negras, desde quando foram consideradas ameaças à saúde pública no papel de amas de leite até dias hodiernos, nos quais o racismo ainda marca presença em hospitais, consultórios e clínicas.

<sup>58</sup> EVARISTO, 2016: 10.

doria popular no que se refere aos cuidados com os pequenos<sup>59</sup>. Aramides, Shirley e Lia, inclusive, se mostram orgulhosas ao falarem dos filhos, os apresentam com encanto à narradora (que dele compartilha), aspectos que Evaristo relaciona à afrobrasilidade<sup>60</sup>. No caso, enxergar a chegada de crianças e a relação com elas como motivo de celebração e orgulho, convite à valorização das origens e à mudança.

É possível aprofundar o sentido de celebração por trás da linguagem afetuosa pela qual a narradora descreve o vínculo entre mães e filhos. Celebrar a chegada de uma vida negra em contextos em que essas vidas são constantemente atacadas e negligenciadas pode ser lido como combate a estruturas forjadas pela necropolítica<sup>61</sup>. Combate que as personagens travam por meio do afeto, da força e da valorização das raízes, em vez de violência, apagamento ou submissão.

O amor profundo e transformador pelas filhas é perceptível na maneira como Shirley Paixão, desde que estabeleceu relacionamento sério com o então companheiro, buscava a convivência afetuosa, justa e compreensiva entre ela, suas filhas biológicas e as enteadas.

*As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cumpliciada entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres. Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. [...]. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele<sup>62</sup>.*

Nos três contos, a saída da figura masculina possessiva e violenta da vida da família não é o início de dias difíceis, mas o começo de dias melhores. A própria narradora reflete, ao reparar a alegria de Emildes. «Teria a criança, tão novinha, [...] se rejubilado também com a ausência do pai? Só a mãe, só a mulher sozinha, lhe bastava?»<sup>63</sup>. Conforme explica Lia Gabriel, ao ser deixada pelo pai dos filhos: «E foi nessa ocasião que tomei, sozinha, a diretriz da minha vida»<sup>64</sup>. Passou a dar aulas particulares, depois a consertar eletrônicos, enquanto manejava as crises do caçula com o apoio das gêmeas mais velhas, Madá e Lená. Em uma sessão de terapia, Máximo Gabriel, então adolescente, relembra de quando foi chicoteado

---

<sup>59</sup> EVARISTO, 2007.

<sup>60</sup> EVARISTO, 1996.

<sup>61</sup> MBEMBE, 2018.

<sup>62</sup> EVARISTO, 2016: 28.

<sup>63</sup> EVARISTO, 2016: 9.

<sup>64</sup> EVARISTO, 2016: 98.

pelo pai. A terapeuta explica que, durante uma das crises, ele disse querer matá-lo. A fala da médica, apesar de causar «um misto de sentimentos» a Lia (culpa, vergonha, remorsos «por ter escolhido tal homem para ser pai de meus filhos»), lhe dá esperança de que o filho «possa conseguir vencer a imagem do monstro que se desenhou na mente dele, quando ele tinha apenas dois anos»<sup>65</sup>. É a morte, ainda que simbólica, dessa figura opressora que se apresenta como solução para o principal problema da família — a saúde mental do caçula — e encerramento do conto.

Desfecho similar ocorre em «Shirley Paixão», após ter sido presa por agredir o então companheiro.

*Hoje, quase trinta anos depois desses dolorosos fatos, continuamos a vida. [...] A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. [...] Entretanto, aprofunda, a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria*<sup>66</sup>.

O convívio embasado na dororidade — bem como na sororidade — entre mãe e filhas se expande não apenas dentro da família de Shirley, com a celebração de uma nova geração de meninas, mas para além dela, com os pacientes de Seni.

Também vale destacar a importância que a rede de apoio apresenta, em diálogo com o que Charlene Borges aponta sobre a maternidade, na concepção ancestral africana, não ter sentido individualista<sup>67</sup>. Em seus trabalhos acadêmicos, Conceição Evaristo também aponta como a coletividade é elemento muitas vezes central dentro de famílias e comunidades negras no Brasil.

São os vizinhos que acodem Shirley e as meninas no dia em que o ex-companheiro é pego em flagrante. Uma das vizinhas, inclusive, recomenda que Shirley se esconda para não ser presa por agredi-lo. Também fica subentendido que a vizinhança assiste as meninas durante os 3 anos em que Shirley esteve presa, já que o pai delas permanece na cadeia. Por sua vez, a casa da mãe de Lia vira refúgio para escapar da raiva do companheiro, recebendo cuidados e conselhos. Tem-se um sentido de maternagem comunitária, ainda que os vínculos mais estreitos sejam estabelecidos dentro das famílias nucleares.

---

<sup>65</sup> EVARISTO, 2016: 103.

<sup>66</sup> EVARISTO, 2016: 34.

<sup>67</sup> BORGES, 2021.

## CONCLUSÕES

Por meio do lirismo e do imbricamento entre passado e presente que marcam a escrita de Conceição Evaristo, dessa vez, fazendo uso do artifício ficcional da entrevista, os contos «Aramides Florença», «Shirley Paixão» e «Lia Gabriel» situam especificidades das vivências maternas de mulheres negras interpeladas por conjunturas nas quais o racismo, a misoginia, a vulnerabilidade social, junto às demandas e expectativas em torno da parentalidade, se manifestam de modo concomitante.

A fonte das opressões e problemas que as protagonistas enfrentam não são os filhos. Pelo contrário, representam motivo de força e alegria, parceiros de lutas e bons momentos, sentido perceptível na linguagem afetuosa como a narrativa descreve a cumplicidade entre eles (sobretudo elas) e as mães. Os maiores responsáveis pelas desavenças que a família precisa superar são os companheiros abusadores, que não deixam de ser resultado do cruzamento de práticas misóginas e racistas que agridem com mais força mulheres negras e suas crianças, transforma seus corpos em território a ser apossado, mesmo por aqueles que também se reconhecem negros.

Violência que, apesar de deixar marcas no corpo, não apequena as protagonistas. Na irmandade que denominam família, fazem da função materna semeadora de conquistas, continuidade de uma linhagem ancestral mantida por gestos, toques, abraços e acalantos. A dororidade que as une, ainda que à distância, se relaciona tanto à dor causada pelo racismo sofrido na condição de mulheres quanto a sua capacidade de agência na consolidação de outras possibilidades de mundo.

Se são os parâmetros eurocêntricos, imbuídos de racismo, misoginia e valores capitalistas, que as colocam em posição de inferioridade, como se fossem desprovidas de agência ou mesmo de caráter humano, faz sentido se voltarem às referências construídas por elas próprias na rotina com os filhos, mistura entre concepções africanas e latinas trazidas pela experiência prática. Processo que Conceição Evaristo encara enquanto inerente à afrobrasilidade difundida em suas produções literárias.

É a relação com os filhos que impulsiona as personagens mães a buscarem melhores alternativas para si e para eles. Dentro da literatura negra produzida por mulheres também negras, engendradas à realidade material que tantas como elas vivenciam, são apresentados caminhos possíveis para viver uma maternidade negra que, embora não esteja imune a agressões resultantes da tripla opressão comumente sofrida por mulheres pretas, guarda potência para se tornar emancipada e emancipadora.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Adriene Reis; GONZÁLEZ, Ana Lúcia Stumpf (2021). *A pandemia tem sido ainda pior para as mulheres. É preciso políticas específicas*. «Carta Capital» (07 mar. 2021). [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-pandemia-tem-sido-ainda-pior-para-as-mulheres-e-preciso-politicas-especificas/>>.
- BERND, Zilá (1988). *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- BHABHA, Homi (2005). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BORGES, Charlene (2021). *Maternidade negra, ética de cuidado coletivo e políticas públicas*. «Geledes» (26 mar. 2021). [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/charlene-borges-maternidade-negra-etica-de-cuidado-coletivo-e-politicas-publicas/>>.
- BUTLER, Judith (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica.
- APIB: ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL [2020-2023]. *Dados Covid*. «Emergência Indígena». [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <[https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados\\_covid19/](https://emergenciaindigena.apiboficial.org/dados_covid19/)>.
- DERRIDA, Jacques (2006). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- DUARTE, Eduardo de Assis, org., *Ensaio e notas* (2007). *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida.
- DUARTE, Eduardo de Assis (2009). *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. «Revista Scripta». 13:25, 63-78.
- COELHO, Ana Carolina (2023). *Talita Michelle de Souza: “Descobrir que seria uma mãe preta no início do doutorado me tirou do chão”*. «Jornal Opção». (28 jan. 2023). [Consult. 30 jan. 2023]. Disponível em <<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/conversas-de-mae/talita-michelle-de-souza-descobrir-que-seria-uma-mae-preta-no-inicio-do-doutorado-me-tirou-do-chao-461710/>>.
- EVARISTO, Conceição (1996). *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado.
- EVARISTO, Conceição (2007). *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In ALEXANDRE, Marcos Antonio, org. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, pp. 16-21.
- EVARISTO, Conceição (2009). *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. «Revista Scripta». 13:25, 17-31.
- EVARISTO, Conceição (2016). *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê.
- FANON, Frantz (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora.
- FERNANDES, Camilla; ABRIATA, Vera Lúcia Rodella. *A construção de identidade de Aramides Florença: da alienação à conscientização sobre a violência masculina*. «Revista Entreletras». 12:3, 375-395.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2019). *“Me deixem decidir se quero ou não ser mãe!”: narrativas pessoais de mulheres sobre a maternidade nas mídias sociais*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2020). *Contos da Maternidade: As Novas Dinâmicas Maternas na Literatura Brasileira Contemporânea*. «Revista Cadernos da Escola de Comunicação». 16:1, 96-111.

- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2021). *Maternidade na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres*. In Ciclo de Seminários *MaterClass: Personagens Maternas da Literatura*. Universidade do Porto, 7 a 28 de maio de 2021. Apresentação em Seminário.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2022). “*Ser mãe é f\*d@!*”: *mulheres, (não) maternidade e mídias sociais*. Porto Alegre: Zouk.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de; POLIVANOV, Beatriz (2021). *Textão-desabafo no Facebook: categoria discursiva para debates sobre a maternidade*. In OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MENDONÇA, Maria Collier de, orgs. *Maternidade nas mídias*. Santa Maria: FACOS-UFSM, pp. 133-162.
- FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza de (2021). *Maternidade negada*. «Ana Luiza de Figueiredo Souza, site profissional» (18 jun. 2021). [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <<https://www.analizadefigueiredosouza.com.br/post/maternidade-negada>>.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2002). *Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea*. In FONSECA, Maria Nazareth Soares; FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna, orgs. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; Mazza Edições, pp. 191-220.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2006). *Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica*. In SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré, orgs. *Literatura afrobrasileira*. Salvador/Brasília: Centro de estudos afro-orientais/Fundação Cultural Palmares. pp. 9-38.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (2021). *Literatura negra: os sentidos e as ramificações*. «Literafro» (1 jul. 2021). [Consult. 30 jan. 2022]. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>>.
- GELEDÉS (2020). *Mulheres negras sofrem mais com violência obstétrica; ouça debate*. «Geledés» (4 maio 2020). [Consult. 30 jan. 2022]. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sofrem-mais-com-a-violencia-obstetrica-ouca-debate/>>.
- GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA (2021). *Relatório Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. «Mulheres na Pandemia» (sem data de publicação informada, 2021). [Consult. 29 set. 2023]. Disponível em <[https://mulheres-napandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio\\_Pesquisa\\_SemParar.pdf](https://mulheres-napandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf)>.
- GONZÁLEZ, Lélia (1984). *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. «Revista Ciências Sociais Hoje». [s.n.], 223-244.
- GONZÁLEZ, Lélia (2018). *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Editora Filhos da África.
- GONZÁLEZ, Lélia (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEVY, Clarissa (2020). *Sonhos negados: violência faz mulheres negras desistirem da maternidade*. «TAB UOL» (5 jul. 2020). [Consult. 30 jan. 2022]. Disponível em <<https://bit.ly/3He4QD5>>.
- MBEMBE, Achille (2018). *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições.
- OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; PEREIRA, Amanda Gomes; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de (2020). *A interpelação do indivíduo em sujeito ou a gramática do sujeito: identidades, desejo e racismo em Judith Butler, Lélia González e Grada Kilomba*. «PoliÉtica». 8:2, 338-360.

- OLIVEIRA, Jéssica Cristina Alvaro de (2021). *Dororidade: A união das mulheres pretas através da dor*. «Ayé». 3:1, 148-151.
- OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; CONRAD, Kalliandra Quevedo (2022). *Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico*. «Estudos Feministas». 30:2, 1-14, e86996.
- PIEIDADE, Vilma (2019). *Dororidade*. São Paulo: Nós.
- RONCADOR, Sonia (2008). *O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural*. «Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea». 31: *Relações Raciais*, 129-152.
- SEGATO, Rita (2021). *Édipo negro: colonialidade e a forclusão de gênero e raça*. In SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, pp. 211-246.
- SILVA, Fabiana Carneiro da (2016). *Mulher negra entre a maternidade e a violência: a representação rasurada na literatura canônica brasileira*. «Exodus». 13:1, 451-466.
- SILVA, Fabiana Carneiro da (2018). *Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como ruptura do nacionalismo*. «Estudos de Literatura Brasileira Comparada». 54, 245-275.